



BRAZIL—O AMAZONAS.

O maior rio do mundo é talvez o que sob os nomes de Maranhão, Solimões, e Amazonas, banha uma das mais ricas provincias do imperio do Brazil. A sua origem não está averiguada a ponto de desvanecer todas as duvidas que existem a similhante respeito.

Segundo Balbi porém o Maranhão provém do Bone ou Paro, que depois de reunido ao Apurimac forma o Ucayali. O Bone ou Paro nasce nas montanhas de Sicasica, que pertencem ao territorio que actualmente constitue a republica de Bolivia; e depois de ter atravessado este estado do sul ao norte, bem como a republica do Perú, entra na Colombia. Ali une-se ao novo Maranhão, tomando o nome de Solimões até á embocadura do rio Negro. No imperio do Brazil entra este magestoso rio no sitio intitulado S. Francisco de Tabatinga.

Os principaes afluentes do Amazonas são o Javary, o Madeira, o Topajós, o Xinxá, o Napo, o Putumayo ou Iça, o Yapurú e o rio Negro.

Sobre os descobridores e exploradores do Amazonas nada diremos; porque este ponto interessante foi tratado n'este semanario por mais habil penna, no excellent trabalho sobre os navegadores portuguezes.

Para que porém se avalie a importancia d'esta immensa via fluvial basta dizer que o Amazonas, que tem na sua foz cincoenta leguas portuguezas de largura, é navegavel por espaço de mil e cem leguas, sendo-o para navios de grande porte até enorme distancia da sua embocadura.

Elevada ao devido desenvolvimento a navegação a vapor n'este grandioso rio, o que não poderão tornar-se os soberbos territorios que atravessa e fertili-

sa, povoados de tantas e tão diversas raças! Que grandes focos de civilisação não se poderão crear n'aquellas opulentas e pittorescas margens? Nós cremos que em poucos annos, continuando o vasto imperio do Brazil na via de prosperidade, que trilha seguro, sob os auspicios de um monarcha, admirado universalmente pela magnanimidade do seu coração, como pela sua intelligencia, e variada instrucção, de um e outro lado do Amazonas se erguerão magnificas cidades, rivalisando com as mais florescentes do velho mundo.

Não é só politica ou commercialmente que o Amazonas pode considerar-se como o mais poderoso elemento do engrandecimento de um florescente estado. O Amazonas em todo o seu curso offerece o mais esplendido espectáculo que é dado conceber á imaginação dos philosophos e dos viajantes, que todos dão unanime testemunho da sua justa admiração.

E já que tocamos este ponto seja-nos licito concluir, extractando das memorias do sabio e virtuoso prelado D. Fr. Caetano Brandão, bispo do Pará, e depois arcebispo da diocese primacial das Hespanhas, as reflexões que lhe inspirou a contemplação do Amazonas, quando em fragil batel foi a visitar e missionar pelas aldeias e povoações dos indios que estanceam nas margens d'este rio.

«Aqui vou com os olhos fitos sobre o Amazonas, diz o eloquente pastor, rio por certo ó mais consideravel de todo o mundo, não só pela sua extensão pasmosa, como ainda pela largura e profundidade do seu leito. Que magnifico espectáculo offerece aqui a natureza! De uma parte serras altissimas, não, como as da Europa, fragosas e calvas; mas vestidas de arvoredos sempre fresco e viçoso até o seu cume. A ou-

tra banda, apaulada e toda igual, cingida do mesmo arvoredado e de um feno tão verde e mimoso, que enleia a vista. Mas eu só considero agora o rio em si mesmo. Como corre pomposo e soberbo, revolvendo em suas empoladas ondas madeiros pezadissimos, e ameaçando estrago a tudo que se lhe põe diante! Rico do cabedal immenso das aguas, que tem de outros muitos rios; sempre insaciavel, não se demora jámais; mas continúa cada vez a adquirir novos augmentos até espraiair em fim no oceano, e confundido com elle, não ter mais nome, nem gloria differentes da sua.

«Que differentes e agradaveis paineis descobre a vista pelas margens d'este grande rio!...

«Eis ahi logo á primeira vista essas duas alamedas sempre frescas e viçosas, que acompanham o grande rio constantemente em toda a sua longa extensão: oh! de que variedade admiravel se não revestem! Aqui o arvoredado frondoso e cerrado, convidando o encalmado navegante a respirar á sua sombra: lá abrindo-se um pouco, e dando logar aos olhos para se dilatarem pelas espaçosas campinas que terminam o horisonte: para uma parte cedros elevadissimos de uma grossura espantosa, o tronco meio desarraigado pela força da corrente, e ameaçando ruina com a sua queda imminente: para outra differentes arbustos copados e floridos enleiam a vista pela diversidade das suas côres. Repara para a multidão de aves, que já parecem toldar o céu; já matizam os campos com o engraçado da sua pintura; já finalmente sobre verdes ramos, abrindo as azas aos raios do sol, explicam por mil gorgeios a alegria, que sentem n'estes logares amenos!

«Não vês, coração meu, como brilham lá ao longe as alvas areias, de que está semeada aquella praia! Eis ahi voando em torno d'ella nuvens de passaros, e fazendo ver por seus redobrados gritos, que lá tem o mais amavel domicilio. Cardumes de peixes de differente grandeza apparecem tambem volteando sobre as aguas, que banham aquella situação encantadora. Mais adiante olha como surgem do leito do grande rio barreiras empinadas e sublimes, que pelas diversas côres da materia de que se compõem, servem de baliza ao atrevido navegante. Mas não te enche de assombro essa perenne e intrincada cadeia de montanhas altissimas correndo ao longo da margem septentrional? Olha como parece quererem desafiar as nuvens, e vão esconder n'ellas a sua mais alta superlicie!

«Pois as caudalosas correntes que cortam estas mesmas serras; como se despenham com furioso impeto por cima de alcantiladas rochas até virem confundirse com as aguas do grande rio! Vê por outro lado os placidos ribeiros, que lá correm murmurando por entre espessos e frondosos bosques, fazendo bulir mansamente a branca areia. Ahi tens uma nova ilha, que a natureza vae formando no meio do rio, para servir de recurso aos vasos atacados da furiosa tempestade. Que lindo quadro! tenras vergonteas sobresaem á superfície d'agua: dirias que d'ella tiram toda a substancia: outras já profundamente arraigadas na terra, abrindo os ramos, e enfeitando-se de flores engraçadissimas: todo aquelle fresco terreno como está alcatifado de uma relva verde e mimosa que encanta o espirito.»

Os limites d'esta publicação não nos permitem alongar o extracto de um dos melhores trechos de prosa que conhecemos, remettendo o leitor curioso para as citadas *Memorias*, que foram impressas em Lisboa em 1818.

NAVEGADORES PORTUGUEZES.

X.

Que naus são essas que ufanosas surcam
Pelo esteiro do Gama? Pendões barbaros
Varrem o oceano, que pasmado busca.
Em vão! nas popas descobrir as Quinas.
Em vão; da hastea da lança escalavrada
Roto o estandarte cae dos portuguezes!

GARRETT: poema *Camões*.

Os nomes reunidos dos dous maiores poetas nacionaes estão ligados a esses versos, que pintam ao vivo o nosso abatimento... Que accrescentaremos? Nada!... Enxugando as lagrimas, que todo o portuguez de coração verte sobre o aniquilamento da nossa marinha, vamos buscar ainda nos seculos XVII, XVIII e XIX alguns raios de heroicidade, que illuminaram por instantes as trevas da decadencia.

Salvador Ribeiro de Sousa, depois de haver por mar e terra immortalizado o seu nome no Pegú, foi proclamado rei d'aquelle estado, e obedecido como tal; porém apresentando-se Philippe de Brito Nicote, capitão-mór e conquistador do Pegú, *in nomine*, por patente do vice-rei Ayres de Saldanha, a tomar conta da fortaleza de Sirião em nome d'el-rei de Portugal, Salvador lh'a entregou com toda a lealdade, e em março de 1603 abandonou o seu reino, aonde era querido dos povos e dos soberanos alliados. (1) Em 1605 saíu de Lisboa Alvaro de Carvalho, com o posto de *general do mar do sul*, e destino a Malaca. Comandava os tres galeões *S. Simão*, *S. Nicolau*, e *Senhora das Mercês*. Em 1607, outra esquadra, capitaneada por D. Jeronymo Coutinho, pôe em fuga os holandezes que ameaçavam Moçambique. Sebastião Gonçalves Tibao conquista as ilhas de *Sundiva*, de *Xavapur* e *Patelavanga* (1609) e outros logares a varios principes da India. Em 1612 apossaram-se os portuguezes de *Benderabasi* (Gomroun) entre Ormuz e Kismish, celebre porto do golpho persico, aonde levantaram dous fortes para defeza. (2) De 1613 em diante foram varias expedições de portuguezes á ilha de S. Lourenço (Madagascar) como exploradores, e em cata de algum naufrago que ali pudesse estar desterrado. Em uma d'estas viagens tocou um dos pilotos na *ilha do Cirne*, já descoberta antes pelos portuguezes, e que depois tomou os nomes de *Mauricia* e *ilha de França*. A marinha ajudou a desalojar os francezes do Maranhão, em 1614 e 1615. D. Manuel de Menezes, capitaneando a nau *S. Julião*, encontrase com quatro galeões holandezes no canal de Moçambique, e depois de longo combate, não querendo render-se, vara na ilha de Comoro (1616). Os nossos tomam o porto e fortaleza de *Soar* na costa da Arabia, em quanto Francisco de Miranda Henriques, com 4 galeões e 18 navios pequenos, defende o porto de Malaca de uma armada de 500 velas do Achem. Alguns portuguezes, marinheiros, safram de Lisboa em duas caravelas, sob o commando do capitão gallego Bartholomeu Garcia de Nodal, em 1618, com destino de reconhecerem o estreito de *Le maire*, o de *Magalhães* e o cabo de *Horn*, o que conseguiram com felicidade, e proveito para a sciencia. Nuno Alvares Botelho derrota, junto a Malaca, a esquadra do Achem, de 250 navios, aprizionando entre outros a capitanea, que jogava cem canhões (1622). Depois, nos mares de Ormuz, após renhidos combates, des-

(1) F. M. Pinto: *Conquista do Pegú*.

(2) S. Luiz: *Indice Chronologico*.

barata uma armada anglo-holandeza, mui superior em numero e bondade de vasos á portugueza (1624). Governava *Solor* em 1629; e a 5 de maio de 1632, tendo investido uma nau holandeza com a pequena galeota que commandava, pegou o fogo no paiol da polvora d'aquella, e arrastou esta comsigo ao abysmo, morrendo assim o illustre restaurador das glórias portuguezas na Asia. Philippe IV de Hespanha, que ainda então reinava em Portugal, disse por essa occasião que, se já não trouxesse luto pela rainha de Polonia, sua tia, o havia tomar pela morte de Nuno Alvares; e deu o titulo de conde de S. Miguel ao primogenito d'este heroe.

Uma armada luso-hespanhola, levando por general D. Manuel de Menezes, e por almirante D. Francisco d'Almeida, na parte portugueza, e capitaneada superiormente por D. Fradique de Toledo, *capitão general da armada do mar Oceano* (titulo do primeiro almirante de Castella) recupera do poder dos holandezes a cidade da Bahia (1625). Logo no seguinte anno, soffreu D. Manuel de Menezes, então já nomeado de propriedade general da armada portugueza, um horrivel temporal, perdendo-se com o seu galeão na costa de S. João da Luz, em França, acompanhado de mais seis embarcações, duas das quaes carregadas de riquezas da India; morreram n'este naufragio dous mil homens, a flor da marinha portugueza, e o seu almirante Antonio Moniz Barreto, segunda auctoridade naval do reino.

Ruy Calça Borges, com sete caravelas, expulsa os holandezes da ilha de Fernando de Noronha (1629). Uma esquadra hespano-lusa de vinte galeões e varios transportes, indo em soccorro de Pernambuco, encontra a esquadra holandeza do almirante *Patry* (1631), e manobrando com acerto, e desenvolvendo coragem a par da intelligencia, os nossos levam *Patry* á ultima extremidade, o qual, para não ser prisioneiro, se lança ao mar, envolto no estandarte neerlandez, dizendo: «O oceano é o unico tumulto digno de um almirante batavo!»

Desde esta epocha até á completa restauração do Brazil, houveram combates navaes, todos os dias, entre holandezes e portuguezes; e posto que em muitos d'elles se praticassem heroicas façanhas, dignas de memoria, não comportam estes artigos a longa enumeração de tantas acções.

Pedro Teixeira, portuguez, subiu o *Amazonas* desde o Pará até ao rio *Napo*, e continuando a navegar por este, chegou mui perto de *Quito*. Saíu do Pará em 1637, e voltou em 1639. N'este ultimo anno entrou no rio *Negro* o capitão Pedro da Costa Favella, portuguez tambem, e o primeiro que sulcou aquellas aguas. Ao mesmo tempo muitos compatriotas nossos eram mortos na esquadra peninsular, commandada por Oquendo, no canal de Inglaterra, sobre a qual o almirante *Tromp* vingou a desfeita do seu collega *Patry*.

D. Martinho, principe de Arracam, baptisado e creado em Góá, serve por muitos annos nas armadas portuguezas da India, e alcança em 1646 a capitania de Góá. Salvador Correia de Sá e Benevides recupera Angola do poder dos holandezes (1648). Um portuguez, appellidado *Melgueiro*, mestre e piloto de um navio holandez, dirige-se do Japão aos mares do polo arctico, até 84 graus; passa entre a *Groenlandia* antiga e *Spitzberg*, e deixando á esquerda a *Scotia*, dirige-se a Portugal. Foi o primeiro navegador que chegou tão perto do polo, se dermos credito a um auctor estrangeiro, *mr. de Buache*. D. João de Eça combate e aprisiona o corsario Cutiale, na cos-

ta do Malabar, em 1677. D. Antonio Manuel de Vilhena, patrão da galé capitanea de uma armada da ordem de Malta, combate contra dous navios de Tripoli (1680). Tendo apenas 21 annos de idade foi capitão de um dos navios mandados á conquista da *Moréa*. Falleceu em 1736, sendo grão-mestre da ordem; e durante o seu governo afugentou do Mediterraneo os barcos dos infieis. Já no fim do seculo XVII descobriram os portuguezes o aljofar e as perolas dos mares de Sofala, a trinta lèguas da barra de Luabo.

Logo no principio do XVIII seculo entrou Portugal na *grande alliança* da Allemanha, Inglaterra e Hollanda contra a Hespanha; e em 1705 uma esquadra nossa, commandada por Gaspar da Costa d'Athaide; junta a outra ingleza, que capitaneava o cavalheiro Leake, derrotaram a armada franceza, que protegia os hespanhoes no cerco de Gibraltar, obrigando-os a levantar o dito cerco, com o que ficou pertencendo para sempre aquella praça á Gran-Bretanha. Quatro annos depois encontrámos o mesmo Gaspar da Costa intitulado *general de batalha de mar*, sob o commando superior do conde do Rio Grande, *almirante da armada real*, escoltando, com outro navios de guerra, um comboio mercante de 97 embarcações para o Brazil. Em 1713 repetia na India as façanhas navaes dos Almeidas, o capitão-mór do mar José Pereira de Brito; acabava de queimar 82 navios inimigos, e quasi todas as povoações da costa de Canará, quando morreu, de doença, em Góá. No seguinte anno foram destróçadas 5 palas e 12 galvetas, na barra de Chaul, por uma fragata portugueza de 34 peças. Commandava esta o *capitão de mar e guerra* Antonio de Sousa, tendo por immediatos os *capitães tenentes* Manuel Lobo de Faria, e Aleixo Pinto. Os vasos inimigos eram capitaneados pelo celebre pirata Angriá, uma especie de Barba-roxa do Oriente. Ainda em 1715 foi novamente batida a esquadra d'este pirata, pela nossa fragata *S. Francisco d'Assis*, ao mando do capitão de mar e guerra Manuel Lobato de Faria. Em 1717 teve lugar o celebre combate naval contra os turcos, nas aguas de Matapan (Mediterraneo). Onze velas portuguezas e outras venezianas e pontificias, destroçaram 48 embarcações barbarescas, d'entre as quaes a capitanea jogava 110 canhões, e tinha 1:400 homens de tripulação. Distinguiu-se muito n'esta batalha o almirante portuguez conde de S. Vicente, immediato no commando ao general conde do Rio Grande, de quem acima fallamos.

José de Semedo Maia, commandante da nau *N. S. da Atalaya*, investe duas naus inglezas no porto de Cabinda, e arraza o forte que uns armadores d'aquella nação ahi tinham construido (1723). De volta ao castello da Mina, mette a pique uma fragata holandeza, que andava roubando as nossas embarcações n'aquelles mares. Luiz de Mello Sampaio, *capitão general da armada de alto bordo dos estreitos de Ormuz e mar Roxo, e dos mares da India*, restaura Patte e Mombaça do poder dos Arabes (1728). Luiz Vieira Mattoso, o *fiscal da armada portugueza do estado da India*, afugenta do porto inglez de Bombaim a esquadra do pirata Angriá, salvando assim aquella colonia (1731). Pouco tempo depois começaram as nossas grandes explorações pelos rios da America portugueza. Em 1749 navegou uma expedição pelo *Amazonas* desde o Pará até ao rio *Madeira*, e por este até ás *Cachoeiras*; d'ahi pelo *Aporé* ou *Ithenes*, já em 1750, chegou a escolta ás minas de Matto-grosso tendo gasto nove mezes de viagem. Em 1774 e 1775 emprehende nova excursão pelo *Amazonas* e rio *Negro* o ouvidor Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio. Em

1791 começa a navegação do rio Araguaya, promovida pelo *chefe de esquadra da armada real* Tristão da Cunha e Menezes. Em 1797 parte o major Francisco Nunes a descobrir a comunicação do rio Capim para o Piahy.

A marinha portugueza começou a organizar-se como corpo militar regular no principio do seculo XVIII; crearam-se primeiro os capitães de mar e guerra; depois os capitães-tenentes, os quaes, como se depreheende da propria designação, serviam de segundos áquelles; mais tarde os capitães de *fragata*, quando se construíram embarcações d'esta denominação; e ainda posteriormente os tenentes generaes de mar, chefes d'esquadra, e chefes de divisão. O posto de tenente general foi depois transformado em almirantes e vice-almirantes, e crearam-se os primeiros e segundos tenentes. Ao anno de 1761 ascendem os primeiros guarda-marinhas, que foram substituídos pelos *voluntarios* em 1774, e novamente organizados em uma companhia no anno de 1782. Creou-se uma *aula nautica* no Porto em 1764, que foi reformada com o titulo de *academia de marinha* em 1801, quando já existia outra academia de marinha em Lisboa, desde 1779, a qual foi reformada em 1790, e abolida em 1837, bem como a do Porto, quando se crearam as escolas polytechnicas em ambas as cidades. Em 1844 organisou-se em Lisboa a *escola naval*, á qual ficou annexa a *escola de construção*, que existe com este nome desde 1824, e que havia sido creada com o titulo de *academia de construção naval*, em 1796. Infelizmente, nem a organização do corpo da armada, nem a criação e successivo aperfeiçoamento das escolas de marinha e construção naval, obstaram á decadencia da nossa navegação, porque causas mais fortes actuavam sobre ella em sentido contrario!

Do seculo actual apenas temos a mencionar uma empresa digna dos navegadores portuguezes de outros tempos. Executaram-na alguns ousados marítimos do Algarve, repetindo a façanha de Diogo Botelho Pereira, ainda com menos conhecimentos nauticos do que o atrevido indiano. Alguns pescadores de Olhão, tendo por mestre Manuel Martins Garrocho, e por piloto Manuel de Oliveira Nobre, largam, em um pequeno cahique de pesca, para o Rio de Janeiro, levando a el-rei a nova da revolta do Algarve contra os francezes (1808). Aportaram á ilha da Madeira, e d'ahi chegaram a salvamento ao seu destino. A todos os homens da tripulação nomeou el-rei tenentes de marinha, e ao mestre e piloto deu além d'isso outros empregos e condecorações. A embarcação em que se aventuraram por tantas leguas de oceano, foi examinada com admiração por nacionaes e estrangeiros.

Dos combates navaes que tiveram lugar durante as lutas civis dos nossos dias, não fallaremos, já porque muitos estrangeiros tiveram n'elles a mais gloriosa parte, já tambem porque são feridas que ainda gotejam sangue... sangue portuguez derramado sem proveito do paiz!

E contudo o valor nacional não se desmente nas poucas occasiões em que tem de ser posto á prova. Os nossos marítimos da guerra do rio da Prata, os que cortaram a linha da esquadra de Cochrane, alguns dos que combateram nas ilhas de Bayonna e no cabo de S. Vicente, ainda mostraram ao mundo que é possível resuscitar a marinha portugueza!

Resuscitar! é a palavra: e deixemos as illusões áquelles felizes mortaes, que podem enganar-se com ellas, ou que o fingem, porque assim lhes convem.

Aonde acaba a grandeza das nossas navegações, e que já declinam tambem as hespanholas, começam as empresas marítimas, em grande escala, dos bretoes, batavos e francezes. Em outra serie de artigos esboçaremos os principaes vultos dos navegadores estrangeiros, ousados viajantes dos polos, da Oceania, e á roda do mundo, intrepididos almirantes, e sabios pesquisadores das maravilhas da natureza.

Terminámos aqui este curto e imperfeitissimo trabalho (e ninguem melhor do que nós lhe conhece a imperfeição, pelas diligencias infructiferas que fizemos em cata de noticias e documentos!) Todavia cremos não ser perdido o tempo que com elle gastamos, pois que poderá aproveitar a um ou outro dos leitores, menos instruido n'este genero de estudos.

F. M. BORDALO.



OS CROATAS.

I.

Quando a raça maggiar, agitada pelas idéas proclamadas em 1848, se levantou contra as velhas instituições do imperio de Austria, ao qual a Hungria está unida, tentando reivindicar os antigos foros d'esta nação, e quiçá promover a sua independencia definitiva; houve um povo, pouco numeroso sim, mas respeitavel e temivel pela energia de seu caracter, que dirigido e capitaneado por um soldado de rija tempera, o ban Jellachich, veio em auxilio da casa de Augsborg, ameaçada d'um grande desastre, prestando-lhe com lealdade, tenacidade e abnegação pouco vulgares os mais valiosos serviços: e pode dizer-se sem hyperbole que aos valerosos croatas se deveu em grande parte o resultado da porfiosa guerra sustentada com heroismo pelos hungaros, ou antes pelos maggiars, contra as forças do imperio austriaco.

Parece-nos pois que será lida com algum interesse a noticia, que vamos dar, d'esta raça, tão distincta pela sua coragem, como pelos seus costumes, e organização politica.

A Croacia actualmente confina ao norte com a Esclavonia, ao occidente com o territorio dos dolenzi

e dos uskokes septentrionaes, ao meio dia com a Liburnia e a Morlaquia, ao oriente com a Turquia de Europa. Este paiz é em geral plano de norte a leste, mas montanhoso para o meio dia. Estas circumstancias do solo produzem extraordinaria modificação nos costumes e na indole dos habitantes. De feito os do banato, que habitam as terras chãs, não se assemelham aos do generalato, que vivem nas montanhas, parecendo dous povos differentes.

Os croatas são em geral affaveis, probos e serviços uns com os outros; mas têm como estrangeiros os seus visinhos, que não pertencem á mesma raça, considerando tambem quasi todos os outros povos como inimigos. Mansos com aquelles de quem se temem, tratam com desprezo, e com sobranceria aquelles de quem se não receiam.

A Croacia é pouco fertil, e por isso os croatas são pobres, e os seus costumes um pouco grosseiros, revelando o grande atrasamento da sua civilisação.

Os croatas abraçaram o christianismo no tempo do imperador Heraclius. São muito respeitadores da religião que professam, e ainda mais dos seus ministros.

Toda militar a raça croata não é muito propensa á superstição. Tambem são mui pouco instruidos; de sorte que nos croatas se realisa o antigo dictado latino: *Inter arma silent musae*.

Encontram-se ainda na Croacia alguns vestigios dos costumes patriarchaes; não é raro cinco ou seis familias viverem na maior harmonia, em uma casa extremamente limitada. O mais velho dos homens é o chefe absoluto, sob o nome de *gospodar*. É elle quem distribue os trabalhos, devendo todos obedecer-lhe fielmente. Sua esposa, ou á falta d'ella, a mulher mais idosa, vigia nas creanças. Á mãe de cada uma d'estas não é licito infringir as ordens da *gospodina*, ou da *staramaiko*.

As mulheres moças são encarregadas dos trabalhos mais peizados; aos mancebos é especialmente confiada a cultura dos campos.

Tal é a docilidade dos filhos para com seus paes que raras vezes algum se atreverá a requestar uma rapariga, sem que obtenha o seu consentimento. Ordinariamente nos bailes campestres, que têm lugar junto das igrejas, á saída da missa, é que se travam as relações amorosas.

As nupcias celebram-se quasi sempre em dia de Santa Catharina. Outo dias antes da cerimonia, dous *zaxivachi*, ou amigos do noivo, vão a cavallo avisar os convidados. Por parte da noiva fazem-se iguaes convites.

Na vespera do casamento, os principaes *szerati*, ou convidados do noivo, vão com este a casa da noiva, onde se occupam em preparar, com o auxilio das amigas d'aquella, o chapau, ou corôa nupcial. A sua chegada é annunciada por uma descarga de fuzilaria.

No dia seguinte os *szerati* reúnem-se a cavallo diante da casa do noivo, precedidos do *zastavink*, ou porta-estandarte, e de outros individuos que têm de desempenhar especiaes funcções. Se a casa da noiva é longe, de espaço a espaço fazem alto, reunindo-se, em circulo para comerem e beberem! Assim que se está proximo, um dos cavalleiros toma a dianteira, e leva á futura um lenço de seda branca, a que chamam *marama*. Ella não o acceta; e o embaixador volta, e o reparte por todos os companheiros, que ainda outra vez se reúnem em circulo, e se põem a comer, dando-se por esta occasião muitos tiros de espingarda e pistolla.

Chegados á habitação da noiva, as amigas d'esta

espetam na lança da bandeira do *zastavink* uma maçã, envolvida em uma corôa de flores. Depois d'isto os noivos ajoelham, para receberem a benção de seus paes. Em seguida toda a comitiva dirige-se á igreja. Então apeiam-se todos, menos dous homens, que são encarregados durante a cerimonia de segurar a bandeira, e os cavallos dos companheiros.

Assim que chega á sua nova casa, a desposada, para divertir as creanças, atira-lhes com uma porção de nozes e figos, sendo a ultima a apeiar-se: é-lhe porém permittido, querendo, usar do direito que lhe assiste de ajudar a apeiar-se o pae de seu marido. Depois abraça-o, assim como a todos os outros parentes.

Findo o jantar dança-se. N'outro tempo executava-se em seguida a dança das espadas, costume que foi abolido pelas desgraças que occasionava.

Á meia noute a kumi conduz ao leito nupcial os recém-casados. A noiva ajoelha diante d'ella, e ao mesmo tempo seu esposo tira-lhe a corôa da cabeça. Praticada esta cerimonia, a kumi retira-se, bem como as amigas da noiva.

No dia seguinte a noiva deve ser a primeira a levantar-se, para arranjar as casas, e pôr a meza. Depois, acompanhada dos *szerati* e do porta-estandarte, vai buscar agua fresca para lavar as mãos dos convidados.

Recomeçam immediatamente os festejos, que duram pelo menos dous dias, e quasi sempre se prolongam por outo.

As ceremonias que se usam nos baptisados dos filhos apresentam pouca novidade; e por isso passaremos ás que têm lugar quando algum croata fallece.

Logo que a morte se verifica, o cura do districto é immediatamente advertido, afim de mandar dobrar todos os sinos. Esta formalidade é, no seu entender, indispensavel para salvação da alma, e para que saia mais depressa do purgatorio. Entretanto lavam o defuncto, amortalham-o, e deitam-o em cima de um tabuão; pondo-lhe nas mãos uma cruz singela, se era catholico, e dobrada, se pertencia ao rito grego. Depois vem os mais proximos parentes para em torno do cadaver, abraçando-o, e pranteando a sua perda. Um dos chefes de familia (porque, como já dissemos, em cada casa ha muitas vezes reunidas tres e quatro familias) pronuncia uma especie de oração funebre. Os amigos do morto pedem tambem a palavra cada um por sua vez, e com voz lugubre celebram as suas façanhas, ou as boas acções que praticára em vida. Seguidamente perguntam-lhe porque tão cedo abandonou sua mulher, seus filhos; seus amigos e seus camaradas; o que hão de fazer sua mulher e seus filhos, que não têm agora quem os sustente e proteja; como é que os seus camaradas hão de ir sem elle á caça e á guerra, etc.

A familia do morto vem então despedir-se d'elle, e é esta a parte mais tocante de todo o ceremonial. Finalmente chega o sacerdote, e logo que este apparece faz-se o mais profundo silencio. Recitadas algumas orações, o cadaver é mettido no caixão, sendo previamente abraçado pelos assistentes, e conduzido á igreja proxima com o rosto descoberto. Os parentes abrem o cortejo, seguem-se as mulheres, e atraz os amigos. As mulheres vão, durante o transito, carpindo-se e celebrando, por entre prantos, nem sempre sinceros, as virtudes do defuncto.

Terminado o officio os concorrentes dão no morto o ultimo osculo; e fecha-se o caixão, que é então levado ao coval.

O mais extraordinario porém é que em quanto se preenchem os deveres funebres, em casa do fallecido se prepara lauto banquete para os proximos parentes, que muitas vezes, talvez para se esquecerem da perda que experimentaram, ou mitigarem o seu desgosto e a sua dôr, se embriagam completamente!

O trajar dos croatas das terras chãs é assás acciado, e até elegante. Os homens usam o cabello curto; e os que se destinam á vida militar o penteiam em tranças. Todos têm bigode. Trazem na cabeça um barrete escuro; e vestem, como os húngaros, uma pequena tunica.

As mulheres atam o cabello atraz, e em vez de toucado arranjam na cabeça com certa graça um lenço vermelho listado de branco. Usam camizola azul, saia de lã pardacenta, avental branco, e botinhas de couro amarello. A gravura representa uma mulher croata, vestida do modo que acabámos de indicar.

No proximo numero daremos uma idéa da organização da Croacia, militarmente considerada.

Bons exteriores com mau interior são hypocrisias; e este é o peccado que Deus mais aborrece, mais abomina, menos perdoa, e mais condemna.

A ESTATUA DE ESTANHO.

ROMANCE

I.

Os nevoeiros da tarde começavam de descer sobre os campos do condado de Mid-Lothian; via-se ao longe o mar allumiado pelos raios do sol poente, e ouviam-se a espaços echoar os buzios dos pastores, annunciando a volta dos rebanhos aos curraes.

A derradeira luta travada entre os partidarios de Eduardo e os de Cromwell, terminára com o desbarato do primeiro, deixando por toda a parte eloquentes e lugubres vestígios.

Casas queimadas, arvores cortadas, campos assolados, revelavam, aqui e além, a presença de um acampamento.

A maior parte das pessoas notaveis do condado, compromettidas no partido de Eduardo, ou se tinham visto obrigadas a homiziar-se, ou a fugir: assim pois os castellos e os solares achavam-se quasi totalmente desertos.

As mesmas estradas pareciam abandonadas; apenas de vez em quando passava um camponeo, regressando ao seu casal; ou alguns mercadores, tendo-se demorado mais do que lhes convinha, apressavam a marcha dos seus ronceiros vehiculos.

Entretanto um cavalleiro vinha de avistar-se na pequena planura que domina aquella parte do condado. Seguia um caminho, pouco frequentado, meio obstruido pelas silvas, que o enredavam; mas o cavalleiro, que era ainda moço, parecia conhecer perfeitamente o terreno.

O fato que vestia era de panno verde de Lincoln, realmente muito bonito... em novo; mas agora mosqueado de nodos e redes. Pendia-lhe dos hombros um capote de grosseira tela usada nas montanhas; os arreios do cavallo, outr'ora elegantes, como o fato de seu amo, denunciavam largo e aturado uso. Todavia, através d'essa especie de farrapos, que não deixavam duvida alguma sobre uma desastrosa mudança de fortuna, cavallo e cavalleiro conservavam certo ar de fidalguia, que não deixava confundil-os com quem

quer que fosse, nem tão pouco consentia que se formasse d'elles desfavoravel opinião. Ambos evidentemente se sujeitavam resignados ao infortunio, sem renunciar á esperanza de melhor porvir.

Chegando ao alto da encosta, o viajante lançou os olhos em torno, como quem procura um tecto conhecido. As suas vistas fixaram-se em uma casa de bella apparencia, que d'ali se descobria sobre a direita, cercada de bosques e de campos cultivados. As janellas estavam fechadas, como na maior parte das residencias convisinhas, e nem sombra de fumo se escapava das esguias chaminés. Este abandono pareceu alegrar o cavalleiro; apeiou-se, e segurando o cavallo pela redea, tomou por um atalho, e foi ter á morada do caseiro. Ahi parou novamente para prender o cavallo a uma arvore, atravessou cautelosamente um pequeno pateo deserto, e aproximou-se de uma janella, por onde podia observar o que se passava lá dentro.

Uma mulher já velha parecia entretida a cosinhar a ceia junto da chaminé. A pouca distancia estava o caseiro, amolando as compridas tesouras destinadas á tosquia dos carneiros. Depois de se certificar de que estavam sós, o viajante empurrou a porta, e entrou.

Á bulha dos seus passos, o caseiro voltou-se; mas como a escuridão não lhe permittisse ao principio conhecer o recémchegado, perguntou:

— Quem está ahi?

— Boas tardes, João Stamps, respondeu galhofeiramente o estranho.

A velha estremeceu ao ouvir-lhe a voz; levantou-se muito depressa, e como a claridade do lume, até então por ella encoberto; desse de chapa no recémvindo, conheceu-o logo, e bradou com as mãos postas:

— Ai! que é o nosso querido patrão!

— Sir Ricardo! repetiu o caseiro, erguendo-se tambem.

— É o nome que recebi de meu pae, Stamps, replicou o mancebo; mas na actualidade não convem que o profiras tão alto; e se algum amigo de Cromwell te ouvisse, Izabel, tratava logo de preparar a agulha para me cozer n'algun sacco de ruim sara-pilheira.

— Santa Maria, mãe de Deus! não falle assim, senhor! redarguiu a caseira; e tu, João, fecha a porta, para que o nosso patrão possa descansar seguro, e comer á sua vontade.

— Olha, João, primeiro vae tratar do meu cavallo, tornou Ricardo; deixei-o prezo ao loureiro lá em baixo; uma pouca de cevada não lhe faria mal. Bem sabes que a vida de um cavalleiro está nas pernas do seu cavallo, principalmente quando tem de fugir, como eu.

O caseiro saiu prompto, e Izabel, puxando do pé do lar um escabello, obrigou o viajante a sentar-se. Depois aproximou-se d'elle para o ver melhor á claridade do lume, e correndo-lhe commovida a mão pela testa, disse:

— Santo Deus! e parece isto aquella creança que eu criei com o meu leite, e que todos apontavam como o rapaz mais formoso e mais esbelto de todo o condado? Vejam o que faz a guerra! Agora affigura-se um mendigo, com o fato roto, e desbotado das soalheiras e das chuvas!... É uma cousa que me custa muito, meu Ricardinho, vel-o assim; não posso conformar-me de maneira nenhuma, tão certo como eu ser christã!

— Ora vamos, deixemos tristezas, que não são pa-

ra agora! disse o moço lord, sorrindo para a sua ama de leite. A sorte favoreceu os cabeças-redondas; oh! mas aos cavalleiros tambem ha de chegar a sua vez! O que importa até então é livrar o pescoço das colleiras de linho; isto é o que eu conto fazer, tratando de fugir para bem longe, logo que houver concluido o negocio que aqui me trouxe.

—Fugir para longe! repetiu a velha. Com que então elles expulsaram o meu querido filho da terra em que nasceu, e onde jazem os seus antepassados?! Ah! Deus ha de castigal-os. Cá por mim protesto que nunca lhes hei de perdoar o mal, e os incommodos que fizerem passar a meu senhor e amo!

—Toma sentido, replicou o mancebo, com uma intonação, em que, através da ironia, se revelava mal disfarçado despeito; toma sentido, Izabel, não me dês um nome a que não tenho direito já! Ignoras que o dominio de Lennark foi entregue pelo protector a meu digno tio, sir Williams Croffort?

A velha encolheu os hombros, e redarguiu:

—Ah! bem tem custado isso áquelles que vos amam, e ao vosso sangue. Que sir Williams combatesse em partido differente d'aquelle em que se alistou o filho de seu irmão, emfim não admira; são cousas d'este tempo! Mas que se enriquecesse com os seus despojos, elle que tem uma tão grande alma; e de mais a mais sendo sua filha vossa promettida esposa, isso é que eu, por mais que diligencieie, não posso entender! Olhe, sir Ricardo, aqui ha cousa escondida, e muito escondida, seja o que fôr!

O joven cavalleiro não respondeu. Continuou com os olhos fitos no brazido, embalado por vago meditar. O semblante, ora se lhe illuminava de satisfação, ora parecia toldar-se-lhe das sombras da duvida e da desesperança. Alfim ergueu a cabeça, e perguntou em voz baixa, e quasi com certo acanhamento, se sua prima Helena tinha vindo a Lennark, desde que o castello pertencia a sir Williams.

—Muitas vezes, com o pae, tornou Isabel; e sempre perguntam se tendes apparecido por aqui. Supponho mesmo que vos mandaram procurar no Haddington, onde julgavam que estaveis escondido: mas qual era a sua tenção? Só Deus o sabe. O couteiro velho quiz-nos metter em cabeça que era para serdes prezo, e entregue aos cabeças-redondas; porque a herança dos mortos sempre está mais segura do que a dos vivos. Se assim foi a sua alma o pagará! Eu porém não o acreditarei sem provas!

O mancebo pareceu não querer ouvir mais. Quaesquer que fossem os motivos de resentimento que tivesse contra sir Williams Croffort, as reminiscencias do ardente affecto que consagrara a sua prima Helena, contrabalançavam a lembrança da recente injustiça; e por isso cortando o dialogo, que tão dolorosas recordações lhe suscitava, perguntou a João, que n'aquelle momento chegava, onde poderia passar a noute com segurança.

O castello era o unico lugar que estava a coberto da curiosidade dos moços do campo. Stamps tinha em seu poder as chaves: já se vê que, a não ser por intervenção do caseiro, ninguém podia ir ao castello, que se conservava completamente deshabitado; assim sir Ricardo não tinha que temer nem indiscrição, nem surpresa.

Foi bem forte a commoção com que o fugitivo atravessou aquelles aposentos tão cheios de recordações da sua infancia, e da sua nubilidade, e que não via ha tantos annos. O novo proprietario, sir Williams Croffort, mudára um pouco as disposições interiores e a mobilia. O mancebo correu as salas renovadas,

sem querer fixar-se em nenhuma; e escolheu uma casa grande, que por ter compridas parteleiras junto das paredes, e n'ellas alguns livros roídos de traça, havia sido condecorada com o titulo pomposo de bibliotheca: mas na realidade a bibliotheca de Lennark era uma especie de guarda roupa, para onde se conduzia toda a mobilia primitiva. Existiam ali immensas poltronas estofadas, arcas de carvalho esculpido, antigas porcelanas, e um grande leito de columnas em espiral, sobre as quaes descansava um baldaquino guarnecido de sarja bordada. Ricardo mirava, attento e quasi enternecido, aquelles objectos, que estavam, pela maior parte, ligados a successos dos seus primeiros annos, quando ao reparar em uma grande estatua de estanho, collocada ao canto da bibliotheca, exclamou:

—Pela minha vida! aquella é a fada de prata!

Stamps levou respeitosa mente a mão á testa como para simular uma saudação, e respondeu, abaixando a voz:

—Não ha duvida, milord, é a fada de prata: sir Williams foi quem a mandou para esta casa. Elle põe-se a rir quando lhe fallam nas grandes finezas que os Lennark lhe devem. Mas, se não me engano, a sua presença aqui é de bom agouro para milord; e estou bem certo que a fada não o ha de abandonar no infortunio.

Ricardo sorriu-se. A crença no poder occulto da mysteriosa imagem era tradicional em Lennark: contavam-se mil historias dos milagres operados por esta estatua, de que ninguem sabia a origem. De resto todas as casas nobres em Escocia tinham tambem sua protectora particular (meio termo entre santa e fada) a quem se attribuia a honra de cada acontecimento venturoso, e que a superstição popular considerava como padroeira especial.

Entretanto sir Ricardo estava muito fatigado para prolongar a conversa a semelhante respeito. Declarou a Stamps que tinha mais somno, que vontade de comer; sem lhe dar tempo a compor a roupa, atirou-se para cima da cama, mesmo de botas e esporas; e depois de recommendar pela ultima vez o seu cavallo ao caseiro, deitou a cabeça no travesseiro, fechou os olhos, e adormeceu profundamente.

João retirou-se, resolvendo voltar depois dos moços estarem deitados; fechou as portas cuidadosamente, e dirigiu-se para casa.

(Continúa).

OS VERDADEIROS RICOS.

Quem são os ricos n'este mundo? Os que têm muito? Não; porque quem tem muito, deseja mais, e quem deseja mais, falta-lhe o que deseja, e essa falta o faz pobre.

Houve n'este mundo um homem, diz Seneca, que depois de ter tudo, ainda desejou mais. Este declarou elle que foi Alexandre, mas com encarecimento falso, porque Alexandre nunca foi senhor de tudo. O senhor de tudo só foi Adão. Mas esse tambem o perdeu a sua pobreza, porque tendo tudo, ainda quiz mais do que tinha. De maneira que não é rico quem tem muito, ainda que seja tudo.

Pois quem é o verdadeiro rico? Aquelle que não quer nada, porque nenhuma cousa lhe falta. E esta é a verdadeira riqueza, com que Christo nos enriqueceu com a sua pobreza, ensinando-nos a não querer nada, como elle o não quiz.

CAUSAS DA COLORAÇÃO DOS MARES.

Pelas observações do sr. Ehrenberg, e pelas mais recentes ainda dos srs. Evenor Dupont e Montagne, verificou-se que as aguas do mar Roxo ou Vermelho se apresentam, em certas epochas do anno, coradas de vermelho por effeito do desenvolvimento, em quantidade prodigiosa, de algas microscopicas pertencentes a uma especie, que o primeiro d'estes sabios descreveu sob a denominação de *Trichodesmium erythraeum*.

Estas observações para assim dizer explicam-nos a coloração accidental das aguas do mar.

O sr. Mollien observou o anno passado (1853) que o mar da China apresentava em mui grande extensão as cores vermelha e amarella; e que este phenomeno se apresentava, não em continuidade, mas como em grandes manchas, separadas outras das outras por intervallos transparentes.

A cor vermelha predomina n'aquella parte do mar que mais propriamente se chama mar da China (Han-Hai), na que banha as costas da parte meridional da China áquem da ilha Formosa; em quanto que a cor amarella predomina ao norte da ilha, na parte que se conhece sob o nome de mar Amarello (Hong-Hai). A causa d'este phenomeno era desconhecida.

O sr. Mollien trouxe para França uma porção de agua corada, que havia recolhido n'um ponto em que o mar estava vermelho, durante o mez de setembro de 1854. Esta agua depuzera um sedimento de cor pardacenta que o sr. Daresté submetteu á observação microscopica, reconhecendo, depois do mais escrupuloso exame, que esse sedimento não continha particulas terreas, e que era formado unicamente pela aggregação de pequenas algas, quasi microscopicas, e mais ou menos alteradas, mas não tanto que o auctor as não pudesse reconhecer, e certificar que pertenciam á mesma especie que Ehrenberg descobrira no mar Vermelho. O sr. Montagne, auctoridade do maior pezo no ponto sujeito, confirmou a opinião indicada. Este ultimo recebeu, ha annos, exemplares da mesma alga, que lhe foram enviados de Ceylão pelo sr. Thwaites.

Assim pois o *trichodesmium erythraeum* encontra-se em quasi toda a extensão do mar do sul desde a Africa até á China; e esta pequena planta microscopica é uma das que occupam mais larga superficie no globo.

Tal é evidentemente a causa da cor vermelha acima mencionada. Será ella igualmente a causa da cor amarellenta que apresentam as aguas, sobre tudo ao norte da ilha Formosa? É possível que assim seja, attenta a variabilidade de cor das algas. Entretanto não podemos ainda, por meio de observações directas e irrecusaveis, decidir esta questão interessante.

ECONOMIA DOMESTICA.

Composição de uma tinta semelhante á da China. — Tomem-se seis partes de colla de peixe, que se dissolvem no dobro do seu pezo de agua a ferver; faz-se igualmente dissolver em duas partes de agua uma parte de succo de alcacuz; misturam-se as duas composições, e encorpora-se-lhe pouco a pouco, e por meio de espatula, uma parte de bom pó de marfim queimado. Effectuada a mistura, aquece-se a banho-maria, para lhe evaporar toda a agua.

Pode dar-se á massa, que é o resultado d'estas diferentes operações, a forma que se julgar mais con-

veniente. A cor e a bondade d'esta tinta são comparaveis á melhor da China.

Receita de excellente tinta preta. — Quatro onças de pau de campeche, duas libras de noz de galha, doze canadas de agua de fonte fria. Ponham-se de infusão estas substancias em um vaso de grés por espaço de seis semanas. Accrescentem-se-lhes depois 6 onças de gomma arabica, 300 grammas de sulfato de ferro, 20 grammas de sulfato de cobre, e 6 onças de assucar candi igualmente em pó. Deixem-se ainda em infusão por espaço de quinze dias, tendo o cuidado de vascolear de vez em quando; depois filtre-se, e engarrafe-se. Esta receita é de mr. Desert, mui acreditado fabricante de París.

Outra receita de tinta. — Tomem-se 50 litros de decocção de pau de campeche, e 500 grammas de chromato de potassa. Faça-se ferver o pau de campeche em quantidade de agua sufficiente para que uma decocção de 22 arrateis de pau produza 80 litros de liquido. Quando este liquido houver esfriado, junte-se-lhe o chromato de potassa, vascolejando-se com força. Esta tinta pode immediatamente empregar-se, e assevera o auctor que não oxyda as pennas metalicas, é inalteravel pelos acidos e pela agua, e não deposita sedimento ou pé algum.

BIBLIOGRAPHIA.

EUGENIO, ROMANCE MARITIMO POR F. M. BORDALO.
1854. 1 VOL. 8.º

Sendo os portuguezes naturalmente affeiçãoados á profissão maritima, sendo as nossas chronicas navaes tão ricas de formosos episódios, e comprehendendo-se, para assim dizer, na historia da marinha portugueza os mais gloriosos fastos da nossa existencia politica, é para estranhar e sentir que o genero de litteratura, cultivado com tanta honra e lustre por Cooper e Marryat, nos estados-unidos e na Gran-Bretanha, mereça entre nós quasi que inteiro desprezo.

É realmente deploravel este facto, porque os prodigiosos descobrimentos, conquistas e explorações dos portuguezes, em diversas partes do mundo, offereciam, e offerecem ao que tentar com perseverança nacionalisar um genero tão aprazivel das boas-letras, como é o romance maritimo, o mais vasto e brilhante theatro.

O Eugenio, é até certo ponto, uma excepção á regra que observámos, e um excellento ensaio, promettedor de mais acabadas composições.

Impresso em 1846 no Rio de Janeiro, além de sair com grande copia de erros, devidos á impericia dos typographos, mui poucos exemplares haviam d'elle chegado á Europa.

A presente edição pode pois considerar-se um livro novo para Portugal, não só pelo motivo que apontamos, como pelas importantes e numerosas correções, feitas com severo escrupulo pelo auctor no primitivo original.

Encerrados nas acanhadas proporções de um annuncio bibliographico, e constrangidos pelas circumstancias especiaes d'este semanario em relação ao sr. Bordalo, limitamo-nos a recommendar o *Eugenio*; e folgaremos que o publico receba este mimoso livro com a acceitação que julgámos sinceramente merecer; o que será de certo mais um incentivo para que o auctor não esmoreça no caminho encetado, e se anime a dotar as letras de outras obras igualmente dignas do seu elevado engenho.

Vende-se nas lojas do costume por 480 réis.